

Dauster fala das tensões

A negociação da dívida externa é dura, difícil, complexa e muitas vezes tensa. Com essas palavras, relaxado, antes de começar uma reunião com seus assessores no Banco Central, o negociador oficial da dívida externa, embaixador Jório Dauster, relembraava ontem alguns momentos de tensão em suas conversas com os representantes dos credores privados, em Nova Iorque. Ele garante, no entanto, que seus encontros com os banqueiros não têm exatamente os lances de agressividade relatados pela imprensa. Sua avaliação é de que o clima das conversas é profissional e que as tensões de lado a lado têm de ser vistas como um desdobramento normal da negociação.

Numa dessas conversas, um banqueiro alemão, falando sobre o Brasil, disse que o governo brasileiro estava **cheating**, uma palavra que pode ser traduzida, no limite,

como trapaceando”, explica. “Calamamente, eu disse a ele que relevaria a expressão usada, mesmo porque ele não estava falando em sua língua materna e poderia não ter a dimensão exata do que significa esse termo”, relata Dauster.

Ele explica que os banqueiros dos Estados Unidos, onde está concentrada a maior parte da dívida externa brasileira, estão nervosos não apenas com a falta de pagamento dos países endividados. “As perdas que eles tiveram este ano, com os prejuízos do mercado imobiliário, têm um peso muito maior do que a dívida dos países do Terceiro Mundo”, garante. O embaixador lembra que na garganta dos grandes bancos norte-americanos estão atravessados, entre outros fracassos financeiros, os “bônus do lixo”, lançados pelo ex-bilionário Ronald Trump, agora as voltas com a incapacidade de honrá-los.